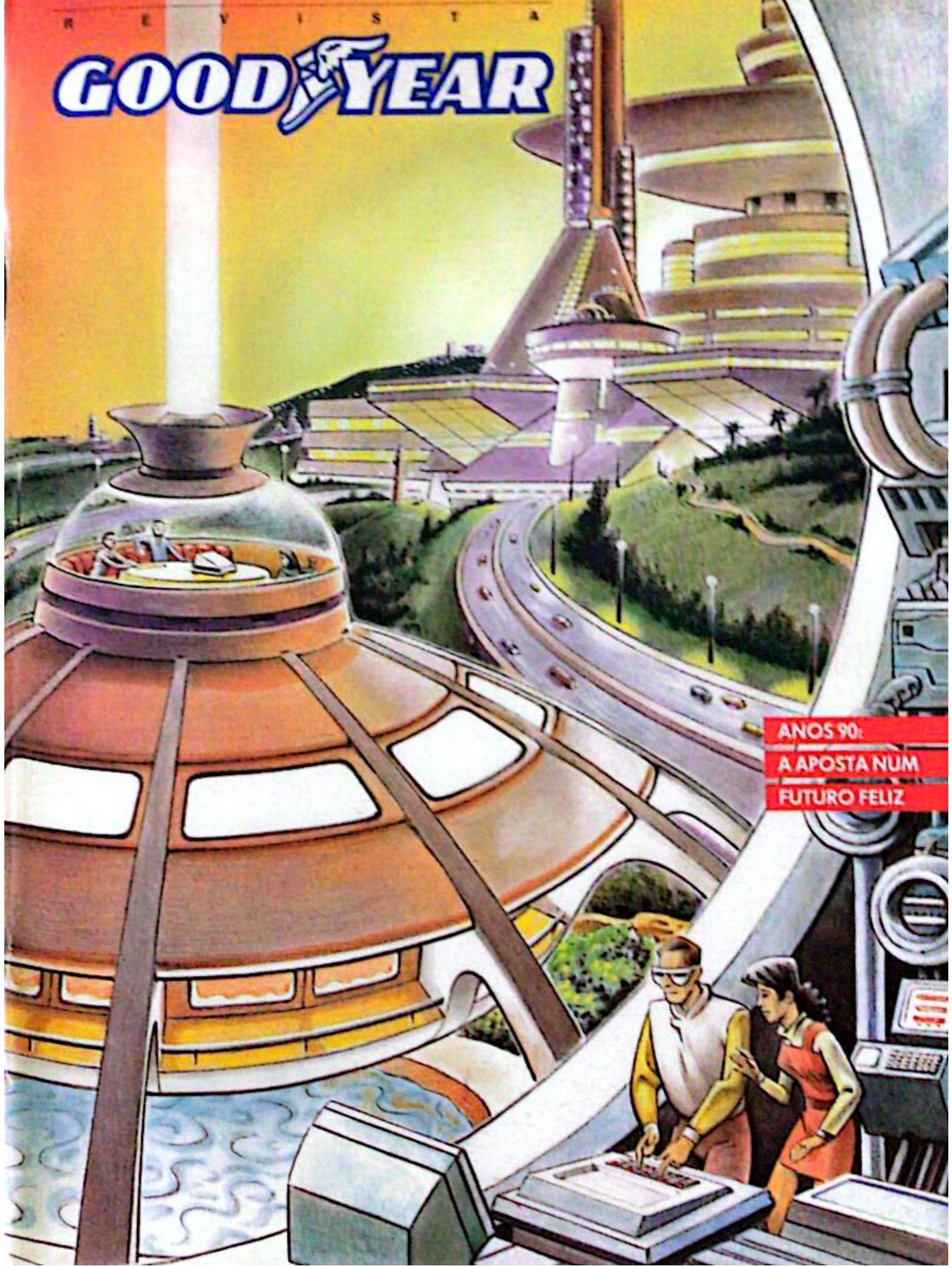


R E V I S T A

GOOD YEAR



**ANOS 90:
A APOSTA NUM
FUTURO FELIZ**

MANOEL

DE BARROS
A PALAVRA
REDESCOBERTA

Com volúpia, ternura e envolto em silêncio, um dos maiores e desconhecidos poetas brasileiros tem há meio século preenchendo seus "cadernos do caos", nos quais a língua portuguesa floresce mais culta e mais bela.



ANA ACCIOLY
ILUSTRAÇÃO FERNANDO COSTA

Os desenhos das páginas seguintes são de autoria de Manoel de Barros.

O anonimato de Manoel de Barros está cada vez mais inviável. Depois de 52 anos da publicação de seu primeiro livro, *Poemas Concebidos sem Pecado*, escrito no porão da pensão onde morava, no Largo do Catete, no Rio, ele acaba de publicar o nono, *O Guardador de Águas* – mas pouca gente se deu conta disso. E nem estas poucas cabeças privilegiadas conseguem explicar por que entre o jovem estudante de direito de 19 anos e o poeta-fazendeiro de 73 se estabeleceu um longo e estranho elo, representado pelo desconhecimento de sua obra por parte do público. O filólogo Antônio Houaiss, por exemplo, compara Manoel a São Francisco de Assis, “na humildade diante das coisas”, e estabelece uma diferença: “Nele não existe religiosidade, apenas

uma grande sensibilidade. Sob a aparência surrealista, a poesia de Manoel de Barros é de uma enorme racionalidade. Suas visões, oníricas num primeiro instante, logo se revelam muito reais, sem fugir a um substrato ético muito profundo. Tenho por sua obra a mais alta admiração e muito amor”.

O escritor João Antônio vai além: “Sua poesia tem a força de um estampido em surdina. Carrega a alegria do choro”. Millôr Fernandes escreveu que a poesia de Manoel é “única, inaugural, apogeu do chão”. O poeta Geraldo Carneiro, que dedicou a Manoel a segunda parte do seu premiado *PicNíc em Xanadu*, saúda-o assim: “Viva Manoel violer d’amores violador da última flor do Lácio inculca e bela”. Quanto a Guimarães Rosa, que fez a maior revolução na prosa brasileira, com-

parou os textos de Manoel a um “doce de coco”. Geraldo Carneiro completa: “Desde Guimarães a nossa língua não se submete a tamanha instabilidade semântica”.

Manoel, o tímido Nequinho, diz encabulado que estes elogios “agradam seu coração”. Ele nasceu em 1916 no Beco da Marinha, em Cuiabá (MT), em circunstâncias que descreve num dos textos de seu livro *Poesias*:

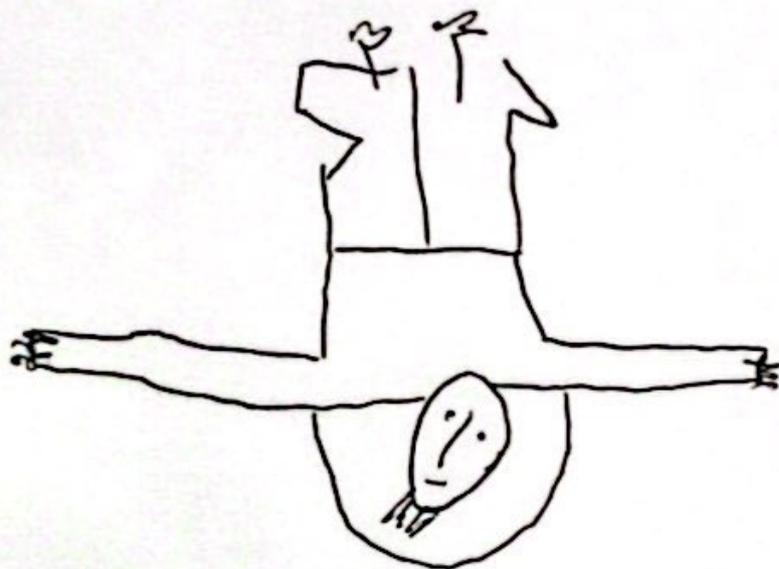
Sou um sujeito magro.

Nasci magro.

*Estou nos acontecimentos
como um vendaval: dobrado
recurvo de espanto
e verdes.*

Tinha um ano de idade quando o pai decidiu fundar fazenda com a família no Pantanal: construir rancho, cercar terras, amansar gado selvagem. Nequinho cresceu brincando no terreiro em frente à casa, pé no chão, entre os currais e as coisas “desimportantes” que marcariam sua obra para sempre. “Ali o que eu tinha era ver os movimentos, a atrapalhão das formigas, caramujos, lagartixas. Era o apogeu do chão e do pequeno”, lembra.

Depois dos oito anos viveu em colégio interno, primeiro em Campo Grande (MS), depois no Rio. Não gostava de estudar até seu “desvirginamento poético”, como diz, pelos livros do padre Antônio Vieira: “A frase, para ele, era mais importante que a verdade, mais importante que sua própria fé. O que importava era a estética, o alcance plástico. Foi quando percebi que o poeta não tem compromisso com a verdade, mas com a verossimilhança”. Um bom exemplo desta crença está num verso do próprio Manoel, onde afirma que “a 15 metros do arco-íris o sol é



“A CÓRNEA AZUL DE UMA GOTTA DE ORVALHO O EMBEVECE”

UM TEXTO INÉDITO

Alguns utensílios feitos com palavras que se acham expostas na oficina de transferir natureza do poeta Manoel de Barros.

- 1 alicate cremoso
- 1 homem riachoso escutando sapos
- 3 estrelas subindo o morro em lombos de borboletas
- 3 vagalumes entortados de luz
- o jovem com uma cidade destripada dentro do olho e um pouco de mato invadindo as ruínas de sua boca
- 1 menino pingando oceano e todo estragado de azul
- 1 homem de lata que sofre de cactos no quarto
- 2 homens de lata com natureza de enguia
- 3 casas construídas com vigas de chuva
- o olhar ajoelhado de um homem
- 1 teologia do Traste em 2ª edição
- 8 moscas portadoras de rios
- 1 brasa verdejante que se usa em música (ou boca)
- 1 raiz de água larga no rosto da noite (ou poesia)
- 1 sujeito que deambula com olho de água-suja por dentro de ruínas (sendo um trapo, ou o próprio trolha)
- lugar de uma pessoa haver musgo (sendo a própria pedra)
- 1 olho, que é a coisa que participa o silêncio dos outros.
- 1 ovo de lobisomen sem gema
- 3 sanfonas para tocar o ermo
- a sorna lagarta curta que recorta a roupa de um osso
- 1 homem ladeado de muros que olhava fixo para certa música estranha, que um menino extraía do coração de um sapo.

(Janeiro de 1989)

cheirosos". Será que não é?

Dez anos de internato lhe ensinaram a disciplina e os clássicos a rebeldia da escrita. "Descobri que prestava para aquilo", diz. "Ter orgasmo com as palavras". Mas o sentido total de liberdade veio com a leitura de *Une Saison en Enfer*, de Arthur Rimbaud (1854-1871), logo que deixou o colégio. "Foi um choque", conta. "Me desconcertou todo, me virou a cabeça". O desregramento dos sentidos uniu-se à sua inocência. Soube que o poeta tinha liberdade para misturar todos os sentidos: "Eu queria ouvir isso de alguém, partir para a agramaticalidade. Me deu alento para romper algumas fronteiras. Fiz uma leitura muito apaixonada, não só de Rimbaud como de outros poetas franceses, Guillaume Apollinaire e Charles Baudelaire. Eles me provocavam

para passar dos limites". E assim ele escreveu no seu primeiro livro:

Eta mundão
Moça bonita
Cavalo bão
Este quarto de pensão
E a dona da pensão

E a filha da dona da pensão
Sem contar a paisagem da janela
que é de se entrar de soneto
E o problema sexual que me disseram
sem roupa alinhada não se resolve.

Conheceu pessoas engajadas na política, leu Marx e entrou para a Juventude Comunista. Certa noite a polícia de Felinto Müller, no tempo da ditadura do Estado Novo, invadiu seu quarto. A dona da pensão interveio: "Esse menino saiu agora do colégio interno, não sabe de nada". É, como prova, mostrou o primeiro livro de poesias escritas por Manoel de Barros: *Nossa Senhora de Minha Escuridão*, com mais de cem sonetos cristãos. A polícia se convenceu, mas levou o livro como lembrança. E nunca mais devolveu.

Manoel mudou de pensão, mas continuou militando no Partido. Quando seu líder Luiz Carlos Prestes foi solto, depois de dez anos de prisão, o poeta esperava que ele tomasse uma atitude contra o que os jornais comunistas chamavam "o governo assassino de Getúlio Vargas". Foi, ansioso, ouvi-lo no Largo do Machado, no Rio. E nunca se esqueceu: "Quando escutei o discurso apoiando Getúlio – o mesmo Getúlio que havia entregue sua mulher, Olga Benário, aos nazistas – não agüentei. Sentei na calçada e chorei. Saí andando sem rumo, desconsolado. Rompi definitivamente com o Partido e fui para o Pantanal".

Do Pantanal, Manoel foi direto para Nova York, depois de publicar mais um livro em 1942: *Face Imóvel*. Lá morou um ano, num hotel da rua 57. Fez curso sobre cinema e sobre pintura no Museu de Arte Moderna. Conta que passava os dias na cine-mateca, ou sentado horas seguidas diante do mesmo quadro. Descobriu Paul Klee: "Vi que ele tinha mudado completamente as regras do jogo". Teve acesso à primeira edição dos *Cantos*, de Ezra Pound. Redescobriu T. S. Eliot. Pintores como Picasso, Chagall, Miró, Van Gogh, Braque reforçavam seu sentido de liberdade. Entende que a arte moderna veio resgatar a diferença, permitindo que "uma árvore não seja mais apenas um retrato fiel da natureza: pode ser fustigada por vendavais ou exuberante como um sorriso de noiva". Os delírios são reais

em *Guernica*, de Picasso. Sua poesia já se alimentava então de imagens, de quadros e de filmes. Chaplin o encanta por sua despreocupação com a linearidade. Os "poetas da imagem", como chama seus cineastas preferidos, são Federico Fellini ("transfigurador de tudo"), Akira Kurosawa, Luis Buñuel ("no qual as evidências não interessam"). Até hoje se confessa um "vedor de cinema. Mas numa tela grande, sala escura e gente quieta ao meu lado".

Voltando ao Brasil, Manoel conheceu Stella e se casaram em três meses. No início a família dela – mineira – se preocupou com aquele rapaz cabeludo que não tirava o casaco enorme trazido de Nova York e que sempre se esquecia de pôr dinheiro no bolso. Mas Stella estava apaixonada e já naquela época en-

tendia a falta de senso prático do noivo. Por isso Manoel a chama de "guia de cego" até hoje: "Nunca precisei trabalhar para sobreviver. Se precisasse teria morrido de fome, porque não sei fazer nada: só poesia". Stella desmente: "Ele sempre administrou muito bem o que recebeu". Tiveram três filhos, morando no Rio de Janeiro e passando temporadas no Pantanal.

Em 1956, Manoel publicou *Poesias*. O título indefinido abriga várias formas poéticas. O último texto do livro é também o seu último poema cidadão, *Encontro de Pedro com o Nojo*. No seu *Compêndio para Uso dos Pássaros*, ele inicia a volta ao telúrico, às suas origens. Com o livro seguinte, *Gramática Expositiva do Chão*, recebeu o Prêmio Nacional de Poesia da Fundação Cultural do Distrito Federal, em 1969.

Foi difícil, não queriam premiar um desconhecido.

E ele continua desconhecido. Os prêmios não lhe trazem a glória, mas confirmam, para ele, a sua condição de poeta, que ele chama de "meu gozar e meu gemer". Abandonou então a cidade e foi com a família morar em Campo Grande, perto de suas fazendas, "mais perto do chão". Lá pôde se dedicar mais tranqüilo ao ofício de "pegar certas palavras já muito usadas, como as velhas prostitutas, decaídas, sujas de sangue e esterco – e arrumá-las num poema, de forma que adquiram nova virgindade".

Manoel publicou mais três livros: *Matéria de Poesia*, em 1974, *Arranjos para Assobio*, em 1982, e o *Livro das Pré-Coisas*, em 1985, todos escritos em seu "refúgio".

É uma casa confortável, planejada pelo casal em todos os detalhes. Os netos brincam na sala entre cópias de Klee, Picasso, Degas, fotos de Chaplin e quadros de Júlio Vieira e Humberto Espíndola na parede. O jardim interno, com caramujos, a cadeira de balanço, ao som da *Missa Solene* de Bach ou o *Concerto para Violoncelo* de Beethoven: "Adoro violoncelo: é o mais humilde dos instrumentos". Todo dia ele faz tudo sempre igual: acorda cedo, toma guaraná em pó, sobe para o escritório do poeta Manoel – segundo ele, "o escritório de ser inútil". E lá fica durante exatas quatro horas sendo inútil, "isto é, descascando palavras até o caroço de cada uma. Por exemplo, ontem levei a palavra 'alma' para descascar. Descobri que é uma palavra linda, escura e de olhos baixos".

Depois do almoço, vai para o escritório do fazendeiro Nequinho, no centro da cidade. Passa pelo Bar do



"AS PEDRAS APRENDEM SILÊNCIO NELE"

Zé, pelo Armazém do Troncoso. "Converso fiado com as pessoas e os muros. Volto para casa às seis horas com um embrulhinho de pão debaixo do braço. Já de noite, faço o que os outros fazem: corto unha, puxo válvulas, vejo novelas". Garante que não é biografável: "Nunca fiz nada de extraordinário. Lido apenas com o ordinário, o inocente, o intocado, o ínfimo. Tenho apenas meus versos e uma insegurança total. O que me faz muito bem".

A biblioteca de Manoel é formada, em sua maioria, por ensaios e dicionários que ele consulta, incansável para suas anotações. Anota tudo o que sente em caderninhos que ele mesmo fabrica, com folhas soltas grampeadas, as capas com pinturas tiradas de uma revista, a lápis e com letrinha miúda: "Acho pensar uma coisa horrível. Gosto de

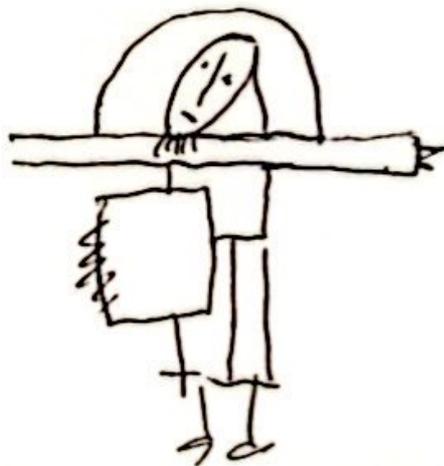
sentir". Para o seu último livro foram necessários mais de 33 "cadernos do caos", como ele os chama.

Sobre seu processo de criação, revela que a palavra o chama, se oferece e ele a toma: "Sempre tive um relacionamento voluptuoso com a palavra, quase depravado". E transfigura, transforma, transnomina, porque "o sentido normal da palavra não faz bem ao poema". Por isso há várias, infinitas leituras de Manoel de Barros. Impossível enquadrá-lo. Ele explica: "Trato com trastes e contrastes", para definir a combinação que faz entre angústia e paz, liberdade e rigor, pantaneiro e universal. Ele cita Roland Barthes: "Os temas do mundo são pouco numerosos e os arranjos, infinitos". E continua: "Então, o que se pode fazer de melhor é dizer de outra forma. Se for para tirar gosto poé-

tico vai bem perverter a linguagem. Não bastam as licenças poéticas. Há que se ir às licenciosidades".

Apesar desta disposição, sua timidez é, segundo ele, "biológica e incontrolável". Por isso não contem com Manoel de Barros dando entrevistas em rádio ou televisão: "A palavra falada não me recolhe, antes até me deixa ao relento. O jeito que eu tenho de me ser não é falando, mas escrevendo. Palavra falada não é capaz de ser perfeita. E eu tenho orgulho de querer ser perfeito". Ele recebe muitas cartas de leitores e se espanta com isso, feliz: "Não sei como me descobrem". Mas como não descobririam, ainda que meio século depois? A revista espanhola *El Paseante*, uma das mais requintadas publicações literárias da Europa, destacou Manoel de Barros na sua edição especial sobre o Brasil, lançada em fevereiro no Museu de Arte Moderna de São Paulo, quando foi exibido o filme de Joel Pizzini sobre sua obra, sintomaticamente intitulado *O Invidível Anônimo do Caramujo-Flor*. Para a coletânea de todos os seus poemas a ser editada ainda este ano, Manoel só faz uma exigência: que tenha a capa de Wega Nery, que ele chama "a legítima guardadora de águas, poeta da pintura". A artista lhe telefonou e prometeu: "Será a mais linda capa do mundo".

Enquanto isso, a revista *Bric-à-Brac*, de Brasília, prepara a publicação de um livro com "uma entrevista que foi além". São cartas de Manoel com suas reflexões sobre arte poética. Como em seu personagem Bernardo da Mata, definido por ele como "um idiota de estrada", "o escuro encosta nele para ter vagalumes". E assim sua poesia nos ilumina. ■



"O ESCURO ENCOSTA NELE PARA TER VAGALUMES"

R
E
V
I
S
T
A

GOOD YEAR

ABR/MAY/JUN/89

CYNTHIA BRITO/F4



... e
minação ou
...
pa (p. 32)
ável
a começar
(ou), no
nológicas
em-estar
política. A
24, que
das
ia, a região
meta hoje
que a
orrigida
manifeste
. As
ão sendo
a cidade
to,
turo
o e amor
endo



recompensada com um *status* único entre as comunidades do país (p. 42).

O futuro avança tanto no setor de computadores (p. 8) quanto na integração tardia dos latino-americanos através de seu imponente Memorial aberto em São Paulo (p. 16). Mas o passado não foi banido: muitas vezes, é ele que continua moldando o presente, como se revela na fé em deuses dos peregrinos da cidade de Benares (p. 54) ou na poesia cultivada por um homem solitário e de gênio, Manoel de Barros (p. 48). Chama-se a isso eternidade.

Boa leitura.



PRÊMIO
ABERJE
1 · 9 · 8 · 8
REVISTA
EXTERNA

REVISTA GOODYEAR ■ 3

parou os textos de Manoel a um “doce de coco”. Geraldo Carneiro completa: “Desde Guimarães a nossa língua não se submete a tamanha instabilidade semântica”.

Manoel, o tímido Nequinho, diz encabulado que estes elogios “agradam seu coração”. Ele nasceu em 1916 no Beco da Marinha, em Cuiabá (MT), em circunstâncias que descreve num dos textos de seu livro *Poesias*:

Sou um sujeito magro.

Nasci magro.

*Estou nos acontecimentos
como um vendaval: dobrado
recurvo de espanto
e verdes.*

Tinha um ano de idade quando pai decidiu fundar fazenda com família no Pantanal: construir um sítio, cercar terras, amansar a selvagem. Nequinho cresceu brincando no terreiro em frente à casa.

da *Missa Solene* de Bach ou o *Concerto para Violoncelo* de Beethoven: "Adoro violoncelo: é o mais humilde dos instrumentos". Todo dia ele faz tudo sempre igual: acorda cedo, toma guaraná em pó, sobe para o escritório do poeta Manoel – segundo ele, "o escritório de ser inútil". E lá fica durante exatas quatro horas sendo inútil, "isto é, descascando palavras até o caroço de cada uma. Por exemplo, ontem levei a palavra 'alma' para descascar. Descobri que é uma palavra linda, escura e de olhos baixos".

Depois do almoço, vai para o escritório do fazendeiro Nequinho, no centro da cidade. Passa pelo Bar do

alfama

sentir". Para o seu último livro foram necessários mais de 33 "cadernos do caos", como ele os chama.

Sobre seu processo de criação, revela que a palavra o chama, se oferece e ele a toma: "Sempre tive um relacionamento voluptuoso com a palavra, quase depravado". E transfigura, transforma, transnomina, porque "o sentido normal da palavra não faz bem ao poema". Por isso há várias, infinitas leituras de Manoel de Barros. Impossível enquadrá-lo. Ele explica: "Trato com trastes e contrastes", para definir a combinação que faz entre angústia e paz, liberdade e rigor, pantaneiro e universal. Ele cita Roland Barthes: "Os temas do mundo são pouco numerosos e os arranjos, infinitos". E continua: "Então, o que se pode fazer de melhor é dizer de outra forma. Se for para tirar gosto poé

Getúlio – o mesmo Getúlio que havia entregue sua mulher, Olga Benário, aos nazistas – não agüentei. Sentei na calçada e chorei. Saí andando sem rumo, desconsolado. Rompi definitivamente com o Partido e fui para o Pantanal”.

im
):

Do Pantanal, Manoel foi direto para Nova York, depois de publicar mais um livro em 1942: *Face Imóvel*. Lá morou um ano, num hotel da rua 57. Fez curso sobre cinema e sobre pintura no Museu de Arte Moderna. Conta que passava os dias na cine-mateca, ou sentado horas seguidas diante do mesmo quadro. Descobriu Paul Klee: “Vi que ele tinha mudado completamente as regras do jogo”. Teve acesso à primeira edição dos *Cantos*, de Ezra Pound. Redescobriu T. S. Eliot. Pintores como Picasso, Chagall, Miró, Van Gogh, Braque reforçavam seu sentido de liberdade. Entende que a arte moderna veio resgatar a diferença, permitindo que “uma árvore não seja mais apenas um retrato fiel da natureza: pode ser fustigada por vendavais ou exuberante como um sorriso de noiva”. Os delírios são reais